

Processo de generalização na fala de crianças em atendimento fonoaudiológico

Karina Garcia*, Irani Rodrigues Maldonade.

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo analisar as filmagens das sessões de terapia fonoaudiológica de 4 pacientes que apresentavam dificuldade de generalização de fonemas. Concluiu-se que há diferentes tipos de intervenções da terapeuta na fala dos pacientes, sendo que cada tipo de intervenção afeta distintamente o processo de generalização. Foi possível concluir também que a metodologia empregada, que consistia em filmar, transcrever e analisar as sessões de atendimento foi aspecto crucial para a evolução dos casos e para refletir sobre a posição do fonoaudiólogo em terapia.

Palavras-chave:

Fonoaudiologia, distúrbio de linguagem, generalização.

Introdução

Quando a aquisição dos fonemas não ocorre espontaneamente até os 5 anos de idade, as crianças provavelmente precisarão de ajuda de um fonoaudiólogo para finalizar o processo de aquisição da linguagem. Após o atendimento fonoaudiológico, espera-se que os fonemas trabalhados em terapia, ocorram também na fala espontânea. Porém, algumas crianças apresentam dificuldades neste processo, denominado de generalização.

Os objetivos da pesquisa são: Refletir sobre a dificuldade de generalização de fonemas trabalhados em terapia fonoaudiológica de 4 crianças (João, Kaio, Paulo e Ana) de 6 a 10 anos submetidas ao atendimento no Ambulatório de Fala/Linguagem do CEPRE; Analisar as intervenções da terapeuta na fala desses pacientes.

Resultados e Discussão

O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética, nº do CAAE: 555041616.4.0000.5404.;

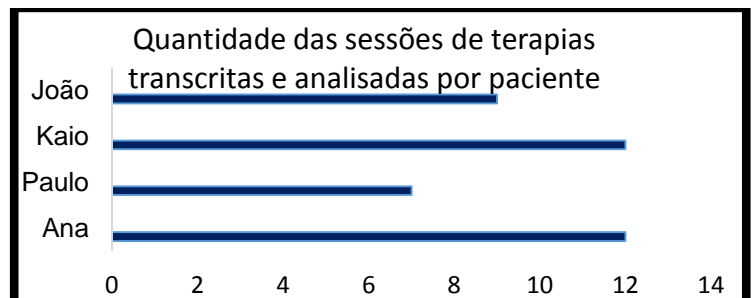
Os pais dos pacientes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;

Foram filmadas sessões de terapia fonoaudiológica dos pacientes, por 5 meses consecutivos, com início em setembro de 2016, conduzidas pelas Fonoaudiólogas Residentes da UNICAMP;

Foram realizadas transcrições e análises dos dados a partir da proposta interacionista de aquisição da linguagem.

Os dados obtidos foram divididos em duas grandes categorias: de **treino articulatório** e **fala espontânea**. Os dados referentes à **fala espontânea** foram:

- 1) Quando há correção indireta da fala do paciente por parte da terapeuta;
- 2) Quando não há correção da fala, mesmo quando o paciente apresenta alterações fonêmicas;
- 3) Quando não há correção da fala do paciente, mas na fala da terapeuta a palavra dita incorretamente pela criança é produzida corretamente;
- 4) Quando o treino articulatório ocorre a partir de uma fala espontânea.



O tipo 2 foi o mais frequente nas sessões de atendimento

Ana: Maior número de treino articulatório e de fala espontânea tipo 1, comparada aos outros pacientes.

Kaio e João: Menor número de treino articulatório nas falas dos dois pacientes, comparados aos outros participantes da pesquisa.

João: De 9 sessões, em 5 são encontradas apenas falas espontâneas do tipo 2. Dificuldade de percepção acústica da terapeuta do ensurdecimento dos fonemas realizados pelo paciente. João realizava emissão oral com intensidade fraca.

Paulo: Percentual de treino articulatório (9,47%), maior que os pacientes João e Kaio, porém encontrou as mesmas dificuldades que estes pacientes para a generalização dos fonemas.

Conclusão

A terapeuta realiza diferentes estratégias ao lidar com a fala alterada dos pacientes, embora aparentemente, não se dê conta disso;

A metodologia de filmar, transcrever e analisar a sessão é elemento fundamental para a evolução dos casos e para refletir sobre a posição do fonoaudiólogo em terapia;

A terapeuta insistiu nas correções dos pacientes que já estavam na posição de escuta, mas não insistiu tanto em pedir correções para aqueles que ainda não conseguiam ouvir a sua própria fala; reafirmando com isso, a importância desse tipo de análise após cada sessão.

Agradecimentos

Pibic CNP-q

BENINE, R. Distúrbios fonológicos evolutivos: caminhos do fonoaudiólogo na abordagem das "alterações de pronúncia na fala". Aquisição, patologias e clínica de linguagem/ orgs. Maria Francisca Lier- De Vito; Lúcia Arantes – São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. 446 p.
 GERON, M.I.; SOARES, M.K. Terapia fonológica: a generalização dentro de uma classe de sons e para outra classe de sons. Rev. CEFAC vol.10 no.3. São Paulo, 2008.
 LEMOS, de M.T. A língua que me falta: uma análise dos estudos em aquisição de linguagem. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2002.
 VITTO, de M.F.L. Patologias da linguagem: sobre as "vicissitudes de falas sintomáticas". Aquisição, patologias e clínica de linguagem/ orgs. Maria Francisca Lier- De Vito; Lúcia Arantes – São Paulo: EDUC, FAPESP, 2006. 446 p.
 ZORZI, J.L. A terapia articulatória e a "automatização" de novos fonemas. Rev. CEFAC, 2002.